

CENTRO DE ESTUDOS DO HUMANISMO CRÍTICO

Portugal & América Latina

TEATRO
ARMA PACÍFICA DA REVOLUÇÃO SOCIAL

Breve Apresentação/Introdução do Prof. Dr. Manuel Reis

ao Doc.-Guião do Dr. Álvaro Laborinho Lúcio

‘BOCAS DE CENA:

O NASCIMENTO DE UMA LICENCIATURA’

Centro de Estudos do Humanismo Crítico

Urbanização do Salgueiral

Rua Cabo Verde 10-B 4835-119 Guimarães / Portugal

[lillian.reis@iol.pt]

CEHC / Diretório América Latina

Cx Postal 16 06717-970 Cotia/SP / Brasil

[terravacomunic@uol.com.br]

EDICON

Rua Herculano de Freitas 181 01308-020 São Paulo / Brasil

[edicon@edicon.com.br] TelFax 3255.1002 / 3255.9822

www.noetica.com.br

ÍNDICE

1 Manuel Reis

**Breve Apresentação/Introdução ao Doc.-Guião
do Dr. Álvaro Laborinho Lúcio**

'BOCAS DE CENA: O NASCIMENTO DE UMA LICENCIATURA'

2 Laborinho Lúcio

BOCAS DE CENA: O Nascimento De Uma Licenciatura

3 Painel do CEHC / América Latina

TEATRO / Estética Da Alma Viva

MANUEL REIS

**Breve Apresentação/Introdução ao Doc.-Guião
do Dr. Álvaro Laborinho Lúcio**

**'BOCAS DE CENA:
O NASCIMENTO DE UMA LICENCIATURA'**

I

**Sobre o encontro fortuito do Presidente do CEHC
com o Dr. Laborinho Lúcio e o presente Documento**

• Braga (Univ. do Minho), 3 de Maio de 2011. O **ILCH** (Instituto de Letras e Ciências Humanas) celebrava a festa dos seus 30 anos de vida, com uma sessão so-lene na pequena sala oval (capaz de comportar uma centena de pessoas). Houve, no painel da Mesa, duas intervenções principais em jeito de Conferências: a do Prof. Dr. Acílio Rocha (reformado), sobre a história e a

bússola cultural do Instituto; e a do Dr. Juiz (reformado) A. Laborinho Lúcio em torno do Tema '**Teatro e Artes Performativas**', o nome dado à nova Licenciatura criada no Quadro dos Estudos e da Docência da U.M., e com o propósito (feliz, a nosso ver) de a localizar na secção de Guimarães da U.M..

A.L.L. é, actualmente, Juiz jubilado e membro do Conselho-Geral da UM (recentemente constituído); foi ministro da Justiça com Sá Carneiro e Director da *Revista Humanista* (na década de '90... que teve, infelizmente, vida efémera).

A Intervenção, por ele produzida, durante mais de uma hora, não deixou, de modo algum, os ouvintes (que enchiam bem a sala oval) enfastiados e aborrecidos. Todavia, quando, no final da sua magnífica e esclarecedora e bem pertinente e actual **Intervenção**, o aplaudíamos de pé, demos conta de que havíamos sido a única pessoa presente a fazê-lo nessa posição!... No beberete final, felicitámo-lo pessoalmente, falámos-lhe do **CEHC**, e pedimos-lhe, pelo menos, uma grelha dos tópicos (já que a sua conferência foi uma palestra oral), uma vez que a sua Intervenção havia sido: a) não só uma boa e adequada introdução à referida Licenciatura, mas também uma peça cultural-crítica, de mérito absoluto, no horizonte do **CENTRO DE ESTUDOS DO HUMANISMO CRÍTICO (CEHC)**.

• No dia 5 de Maio, tivémos a gentileza de enviar ao Dr. Laborinho Lúcio um pacote de 7 livros do **CEHC**. Em menos de duas semanas, datada de 17 de Maio de 2011, tínhamos a resposta do Dr. A.L.L. por *e-mail*: o texto de 13 pp. e a sua carta, que rezava o seguinte:

“Meu caro Professor M. Reis:

“Bem haja pela ‘biblioteca’ que me enviou e que vai constituir uma magnífica leitura de férias.

“Tal como o combinado, faço seguir em anexo o **conjunto de tópicos que serviu de guião à minha intervenção**.

“É um documento muito modesto, que apenas envio a insistência sua.

“Espero que o olhe com a maior benevolência.

“Com cumprimentos de muita estima.

“Laborinho Lúcio”.

Se o Autor o considerou *modesto*, foi, sem dúvida, por se tratar de um **guião**. No que tange, porém, à selecção dos Autores, ao balizamento e à orientação crítica (que nós apreciámos no desenvolvimento verificado na **Intervenção oral** e que neste esquema de tópicos e Figuras se acham indiciados), não se pode falar de modéstia. Tudo é pertinente e de uma actualidade criticista surpreendente. À margem da carta de L.L., que enviou o referido guião, nós inscrevemos mesmo esta Bandeira: “Roteiro de Pesquisa crítico-cultural no universo do **Teatro e das Artes Cénicas**, em geral, salientando suas (naturais...) funções críticas: a demarcação de uma Auto-Estrada para desbravar, todo um Continente cultural/crítico a edificar na órbita do **Centro de Estudos do Humanismo Crítico (CEHC)**. Haja quem tenha disponibilidade e engenho, para se lançar a tão ingente Empreendimento”

Na p.3 do referido **Documento**, logo a seguir ao título ‘**A Origem do Teatro/ IA Antiga Grécia**’, nós inscrevemos esta Nota explicativa adicional: ‘O Teatro nasce na Hélade clássica como a continuação possível do *perdido* (com Platão) **Diálogo socrático** (vivo e cidadão), enquanto Fundamento duplo da filosofia e do saber científico, dum lado, e do outro, da organização da *Pólis* e das Sociedades Humanas *qua* tais. O Autor identificou muito bem (com Laurent Bove) o cincho da dupla Prensa, que funciona, simultaneamente, na perspectiva da **Cultura crítica** e na perspectiva da **organização política da Sociedade**, ao asseverar (*ibidem*): “*na Grécia, nasceram, na mesma época, o pensamento crítico filosófico e a democracia, procurando ambas responder à questão de saber o que é a justiça, ao mesmo tempo que, no mesmo movimento de ideias, os Gregos inventaram também o Teatro*”.

Sejamos claros e inequívocos, honestos até à raiz: em termos críticos, o **Teatro** emergiu, quase no mesmo Movimento, porque a união fecunda do Par **Filosofia e Democracia** enalhou..., foi abalada por uma fenda abissal: intrometeu-se a **Potestas/ Dominação d’abord**, em nome das platónicas **Ideias Puras**, originalmente configuradas no *Hiperurânio* platónico.

• De facto, a nova Licenciatura em ‘**Teatro e Artes Performativas**’ da UM ficará muito bem localizada em Guimarães. Dir-se-á que muito

difícilmente poderia ter havido melhor escolha do local. Foi aqui que, segundo os dados da Tradição, terá nascido Gil Vicente (1465-1536?), o vero fundador do *Teatro literário português*, que ele próprio repartiu por três sectores distintos, a saber: '*Comédias, farças y moralidades*'.

O *corpus* vicentino do **Teatro literário português**, como é sabido, teve o seu início no '*Monólogo do Vaqueiro*' (em 1501, ou 1502, segundo a cronologia do filho, Luís Vicente), (que foi representado na Câmara da Rainha/mãe parturiente, D. Leonor, viúva de D. João II), e teve a sua conclusão na '*Comédia Floresta de Enganos*' (em 1536, no mesmo ano em que foi instaurada a *Inquisição* e o '*Santo Ofício*', de mau agoiro para as obras de Mestre Gil e do Épico luso maior). (Em 2002, pelo Centro de Estudos de Teatro, na Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob a responsabilidade de José Camões, foram dadas à estampa '**As Obras de Gil Vicente**', em 5 grossos volumes. É uma publicação que fazia falta).

Na cidade de Guimarães, foi erigido, em Junho de 2001, um monumento em bronze (muito significativo!...), nos antigos Jardins de S. Dâmaso (nas proximidades do Centro histórico), justamente com o objectivo de comemorar os 500 Anos do **Teatro literário português**, sob a égide de **Gil Vicente**. Por seu turno, o Teatro Jordão (na mesma cidade, na rua D. Afonso Henriques) foi cedido à Univ. do Minho e parece que vai mesmo funcionar como oficina/laboratório da nova Licenciatura em 'Teatro e Artes Performativas'.

O monumento referido, de homenagem ao Teatro Português, foi realizado mediante proposta do **TERB** (Teatro de Ensaio Raúl Brandão), na pessoa do seu Ensaíador Dr. Santos Simões, e do Grupo de Teatro 'Juventude em Palco' (que, sob a orientação de M. Reis, ensaiou nas dependências do Convento das Dominicás, de 1978 a 1982), através de subscrição pública, aberta desde logo a todos os Grupos de Teatro/ /Associações culturais, que, tradicionalmente, ultrapassam as duas dúzias em todo o Concelho de Guimarães.

Os chamados 'Festivais de Gil Vicente', que anualmente se realizam em Junho, normalmente na cidade de Guimarães, mas abrangendo todo o concelho, já têm aqui lugar desde 1987. De algum modo, eles constituem a coroa de louros, comprovativa da pujança das associações culturais e

recriativas e, muito particularmente, das actividades de teatro dos diferentes Grupos cénicos. De 2 a 11 de Junho de 2011 estão programados os novos 'Festivais de Gil Vicente', para o **Centro Cultural de Vila-Flor** (CCVF). Este ano, soube-se pela Imprensa escrita do concelho que os 'F.G.V.' iriam assumir uma índole internacional: certamente, embalados pelo Evento/Bandeira '*Guimarães: capital europeia da Cultura/2012*'. Quanto a nós, temos sérias dúvidas acerca desta pretendida internacionalização: se vai no bom ou no mau sentido...

II

A 'Licenciatura em Teatro e Artes Performativas' no horizonte crítico do C.E.H.C.

- As '*performances*' acontecem, quando alguém empreende uma acção ou produz algo em grau superlativo... Os outros podem fazer as mesmas coisas, mas, tão-só, 'comme ci, comme ça', 'assim assim'. O propósito das 'Artes Performativas' é cumprir programas de '*performance*', — o que pode ser, igualmente, próprio e específico das '**Artes cénicas**'. Do que se trata, porém, a nosso ver, na epígrafe da nova Licenciatura, é das '**Artes cénicas**' propriamente ditas. Por isso, nós optamos por este hemistíquio no enunciado terminológico da epígrafe. A expressão 'Artes Performativas' tem uma **denotação** mais vaga e genérica e uma **conotação** 'aburguesada', que não se adequa àquela 'auréola semântica' da epígrafe justa e adequada para a nova Licenciatura em causa. O que se pretende, em última análise, dos futuros licenciados nesta Área, é, acima de tudo, **Acção** transformadora (através de reformas ou de revoluções), tanto na vertente das *mentalidades* e das *doutrinas*, como na vertente das *práticas societárias* e da própria *organização* das Sociedades humanas.

- E se esse vasto **mundo do Teatro e das Artes Cénicas**, em geral, constituísse a Forja (oficinal/laboratorial) de uma corajosa **analítica crítica**

das Sociedades humanas, a começar pelo despertar (atear o fogo... ‘o fogo (grego) de Prometeu’) da necessidade e do desejo das justas reformas e/ou revoluções nas Sociedades humanas, que tão desumanizadas se encontram?!

É sabido, em contraponto, que as **Religiões institucionalizadas**, à luz de um *senso comum crítico actualizado*, se acham desacreditadas e são, por isso, estruturalmente descartáveis. A situação, generalizada, é tanto mais grave e assustadora, que são as próprias Religiões institucionalizadas, em descrédito e falência, que estão arrastando consigo, para o bátrio infernal, as **Instituições Éticas e Jurídicas** (por carambola, as **políticas**), que padecem de um duplo ‘pecado’ original: A) os males procedentes das ‘Religiões Institucionalizadas’ que, nos campos da **Ética** e do **Direito**, dão pelo nome conhecido de ‘*positivismo moral ou jurídico*’; B) o estigma estrutural expresso (e denunciado...) no facto de o Discurso doutrinal da Moral e do Direito ser sempre enunciado na ‘*terceira pessoa gramatical*’: ‘deve ser...’; ‘não deve ser...’.

Em contrapartida, é sabido que o **Teatro e as Artes Cénicas** têm o seu espaço próprio e inconfundível, para além (ou aquém...) da geometria humana do mestre e do discípulo, do senhor e do súbdito. Trata-se de acções e discursos que agitam e mobilizam, despertam ou ateam plateias e multidões: alertam, despertam, insultam, confrontam, num Discurso humano entre a 1ª e a 2ª pessoas gramaticais. Não há, aí, lugar para o ‘Conto do Vigário’ e a Teoria (asséptica) da Representação e da ‘legitimidade representativa’.

Podemos mesmo concluir e proclamar que o **mundo do Teatro e das Artes Cénicas** constitui o que resta das **Lições** (épicas e gloriosas... que desaguaram no **Suicídio auto-imposto** como *a Grande Lição!*...) do **DIÁLOGO** (*democrático*) de Sócrates, enquanto Alavanca de Arquimedes, para a fundação e constituição, ao mesmo tempo, das Sociedades humanas e de uma Ciência desenvolvida segundo a gramática da Democracia.

• Esta Tese podemos lobrigá-la, no quadro da ‘**Poética**’ de Aristóteles (Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004; com Prefácio de Mª Helena da Rocha Pereira). Aí mesmo, ‘o Filósofo’ analisa e caracteriza as

três operações básicas, que têm lugar nas Artes da Linguagem e do Discurso, designadamente na *poesia*, na *epopeia* e nas *tragédias* (em particular, nos três principais tragediógrafos gregos: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes). São elas: a **imitação** (*mímesis*), a **catarse** (*kátharsis*), e a **metanóia** (*metánoia*). A **imitação**, quando de um ser inteligente e consciente, perante outro da mesma espécie, não é uma simples cópia ou 'macaqueação' (como viu muito bem Henri Wallon). A **catarse** é a expurgação ou libertação do que é estranho à natureza de um ser e o corrompe. É logo aqui que tanto o orfismo e o pitagorismo como o platonismo, ao pretender levar a efeito a purificação da alma (ou espírito) das paixões que a amarram, se põem a falar de uma alma que tem de sair do corpo e da sua condição carnal!... Quanto à operação da **metanóia**, trata-se da mudança no pensamento e/ou nos sentimentos, o que ocorre, via de regra, como corolário da **catarse**.

Ora, aqui mesmo, para entender bem toda a mundividência crítica de Aristóteles (a revolução que ele operou sobre e contra o seu mestre Platão), é preciso assumir, geminadamente, toda a sua Filosofia ancorada no **Hilemorfismo**, *i.e.*, na *união indissolúvel de matéria e forma, corpo e alma...* a tal ponto que, em boa verdade, não são sequer imagináveis os chamados 'espíritos separados' (como pressupuseram os platónicos e as três religiões monoteístas).

• **Definição estrutural da Cultura do Ocidente em três categorias conceptuais de fundo:**

(A) O **Dualismo metafísico-ontológico** da Babilónia e, depois, de Platão é a fonte (desconhecida... ou inominada...) dessa religião (secular e laica) erigida em molde standardizado a que temos dado (no CEHC) o nome de (B) **Objectivo-Objectualismo**: encontra-se este molde, tanto na origem das três religiões monoteístas, como nas origens da Ciência revolucionária do Ocidente, que transformou a *Madre-Natura* em pura matéria-prima (por outras palavras... a Humanidade já está a correr o risco grave de perder a sua própria *Casa/Habitat*). Ao mesmo tempo, o **Dualismo metafísico-ontológico** concebeu e arquitectou o (C) Edifício societário da **Potestas-Dominação d'abord**, que: **C1**: consagrou a *Potestas* como *sacra* e, *eo ipso*,

como *legítima*, para todas as dominações essenciais à Espécie; e **C2**: dogmatizou a Casa (huma-na) da **Cultura**, com a divisão estrutural entre *ortodoxia* e *dogma*, de um lado, e *heterodoxia* e *heresia*, do outro.

- A sempiterna odisseia do **Dualismo metafísico-ontológico** (platónico-paulino), na **Cultura/Civilização Ocidental**, ao longo de quase dois milénios e meio.

Platão traiu o seu Mestre Sócrates (na 2ª e 3ª fases dos seus *Diálogos*). E o que ficou como lastro e *trend* na bússola ideológico-histórica foi a **traição**, não os *Diálo-gos* da 1ª fase. Aristóteles (discípulo de Platão) recuperou as vivências e o ideário de **Sócrates**, muito embora '*in actu signato*' (= na 3ª pessoa gramatical, que é o agente do Discurso narrativo). E fê-lo em duas vertentes: A) na sua filosofia estrutural do **Hilemorfismo**; B) no seu tratado analítico-crítico, que dá pelo nome de '**Poética**'.

Mais de quatro séculos depois, foi a vez de Paulo (nas suas **Cartas** e, em geral, 70% do N.T., visto que Paulo funcionou como seu Chefe d'Orquestra!) atraiçoar **Jesus** e a sua vera e autêntica Mensagem. Sob a égide do Cristianismo paulino e as influências predominantes da Cristandade, em toda a Cultura do Ocidente, a Cultura/Civilização do Ocidente manteve-se, *foncièrement*, **dualista/platónica**, ao longo dos dois milénios seguintes.

Valerá a pena proceder a uma recensão crítica, embora breve, dos principais marcos da História do Ocidente, em que, podendo reemergir as **Ideias diametralmente Opostas** (sobre o *châssis* do **Hilemorfismo aristotélico**), essas Ideias e essa via filosófico-ideológica nunca triunfaram.

Sécs. XII-XIII-XIV: Averróis e o *Averroísmo latino* (de bandeira marcada-mente aristotélica) foram logo condenados (apenas se tornaram públicos) pela I.C.R. (igreja católica romana). A obra de Tomás de Aquino e o *Tomismo* (precisamente por causa do temperado hilemorfismo tomista) estiveram censurados (e com o acesso proibido) durante ca. de 50 anos (logo após a morte de T.A. em 1274), na Sorbonne (a Univ. mais conhecida e frequentada no Ocidente).

Sécs. XV e XVI: **Humanismo** e **Renascimento**. Parcial e globalmente, um e outro foram marcados pelo espírito e a mundividência platónicos. Em termos ideológico-filosóficos, os historiadores costumam exceptuar duas

Figuras a essa orientação dualista-platónica de base: Marsilio Ficino e Picco della Mirandola. No que diz respeito ao primeiro, a excepção resultou frustrada, uma vez que ele se manteve fiel à ortodoxia católica nos seus dois livros 'De christiana religione' e 'Theologia Platonica'. No que ao segundo concerne, o seu temperamento exuberante de homem convencido (dotado de uma memória prodigiosa) levou-o a escrever um livro de índole humanística e antropocêntrica, que foi excepcional na sua época e ainda hoje nos surpreende culturalmente: '**Discurso sobre a Dignidade do Homem**' de Giovanni Picco della Mirandola (edição bilingue: Edições 70, Lisboa, 1989).

No séc. XVI luso, avultou Pedro da Fonseca (o 'Aristóteles conimbricense', como foi chamado) e o seu grupo da escola aristotélica. Foi justamente considerado pela sua Obra volumosa, o Maestro de '*Cursus Conimbricensis*', onde os textos de Aristóteles e Tomás de Aquino constituíam as bússolas de orientação do Curso, o que acarretava, *ipso facto*, um forte apelo à experiência e às práticas da experimentação científica, tão próprios da atmosfera da época (como se pode verificar em F. Bacon, R. Descartes, F. Sanches, M. de Montaigne). Ora o '*Cursus Conimbricensis*' não che-gou a romper com a Tradição teológico-filosófica da Cristandade, e as suas influências ideológico-culturais esgotaram-se temporãmente.

A grelha estrutural do **Iluminismo**, no séc. XVIII, também não constituiu excepção à Regra básica do **Dualismo metafísico-ontológico**, por paradoxal que possa parecer. Atentemos nos dois grandes pioneiros: Thomas Hobbes (1588-1679) e Jean-Jacques Rousseau (1712-78). Tentemos penetrar no núcleo duro do Problema. Acerca da revolução ideológica e filosófica, operada pelo primeiro, houve quem falasse na **Grande Separação** (das águas...) entre o mundo secular e profano e o seu **Poder pri-macial** (e supostamente único...), dum lado, e do outro, o mundo religioso e das igrejas institucionalizadas, com o seu Poder sacro (indestrutível...). Neste contexto, o Poder sacro e religioso *não foi destruído*, apenas o *encapuzaram*... Hobbes e toda a sua escola inglesa sempre encararam o Problema da **dualidade dos Poderes** como um Facto consumado, que só carecia de algum arranjo para sobreviver; bastava cumprir o objectivo de aniquilar, aparentemente, o religioso/sacral e salvar o laico e profano!... O jogo era encoberto por esta razão: nunca, até ao presente, se descobriu a

verdade da Tese fundamental: **‘O Poder é sempre um só em última instância’**; assim, continuou absolutamente hegemónica, na história do Ocidente, a sempiterna **Cultura do Poder-Dominação d’abord**.

No que tange à revolução ideológica, democrática e republicana, do segundo, o esquema crítico-analítico não nos dá uma Lição diferente; prossegue a mistura e os arranjos da composição no Quadro global. Em ‘O Contrato Social’, J.-J. Rousseau estabeleceu (aparentemente, por razões funcionais e operatórias, mas, em última análise, por motivações de ordem metafísica...) a **distinção substantiva** entre a *‘volonté de tous’* e a *‘volonté générale’*, uma vez que, nas origens, tudo procedia da Tese inviolável: **Todo o Poder procede do Povo** (*omnis Potestas a populo’*, em contraste com o axioma tradicional: *‘omnis Potestas a Deo’*).

Ora, dado que é preciso identificar e caracterizar, não só o lugar do Poder, mas, igualmente, os detentores concretos do Poder, o modo operacional como o Poder é constituído tem de ter soluções práticas. Assim, os detentores do Poder que, por suposto, são representantes do Povo, têm a sua **representação** ligada ou vinculada à *‘volonté générale’*, não à *‘volonté de tous’*. Desta sorte, não só se mantém o **Dualismo platónico**, como também se postula uma *Divindade deísta*, enquanto caução e garantia, a um só tempo, da *‘volonté générale’* e do carácter para-sacral da *representação* (de que são delegados os detentores do Poder).

T. Hobbes e J.-J. Rousseau são intelectuais práticos e pragmáticos; pretendem resolver problemas estruturais, sem dúvida, mas que têm dimensões e incidências eminentemente práticas e concretas. Analisados bem os problemas e as situações concernentes à *Potestas* (sua natureza e exercício), ao longo de toda a História do Ocidente, acabamos por dar-nos conta e ter de concluir que mais ninguém (durante 2.500 anos), à excepção de **Sócrates** e **Jesus**, encarou e resolveu, adequadamente, tais problemas e situações. Foram eles que nos ensinaram (mais *‘in actu exercito’* do que *‘in actu signato’*), que **o Poder é sempre, em última análise ou instância, um só!**

- É neste novo horizonte crítico que, por exemplo, o Grupo germânico que, na estação televisiva *‘Neu Jerusalem’*, debate, porfiadamente, temas

religiosos e problemas pertinentes da Cristandade, em particular do Catolicismo, anda, a nosso ver, mal avisado...

Criticam, com razão e justeza, o Papado: a *monarquia papal* como a mais en-quistada monarquia da Europa; e as sacrossantas hierarquias rígidas e substantivas na I.C.R., entre bispos, padres e leigos cristãos/católicos; essa '*casta dos padres*' (separados dos leigos), que é uma espécie de chave inglesa a assegurar toda essa construção societária, monocrática e hierárquica. O que o Grupo legitimamente procura e pretende é a substituição, nesse mega-Espaço institucional, de uma sorte de 'Ancien Régime' por um 'Nouveau Régime': em suma, a instauração plena (e com todas as consequências) da **DEMOCRACIA** na **I.C.R.**.

Ora, à luz do **C.E.H.C.**, temos de considerar que este é um Projecto que resulta gorado e frustrado/frustrante, a partir das suas próprias raízes. Quem, integrado plenamente na **I.C.R.**, vai poder admitir e aceitar, cândida e honestamente, as propostas deste Grupo?!... Por outro lado, na sua base criticista, um tal Projecto resulta fracassado, ao abrigo da Gramática do **Psico-Sócio-Ânthropos** e das suas Regras es-truturais para a **Psico-Sócio-História**. Para saber o que é a *religião*, precisamos de ter a cabeça e a mentalidade da **Filosofia**; e para saber o que é a *religião institucionalizada*, é mister irmos às aulas da **Filosofia Crítica**.

De facto, há combates que não se podem empreender com êxito, numa postura frontal e directa, numa espécie de corpo a corpo... Aqui, só se poderá ter sucesso, actuando de modo indirecto e procurando atingir as raízes e as origens dos factos ou fenómenos a erradicar e a suplantar. Desta sorte, estas lutas e combates, no sentido de alterar, *de fond en comble*, pacificamente (como se impõe), o *status quo* das religiões institucionalizadas, não passam de generosas(?) quixotadas!... Com efeito, antes de protestar (glosando só parcialmente K. Marx) que a religião institucionalizada 'é o ópio do povo', é preciso provar, no Discurso e na Linguagem, que as **religiões insti-tucionalizadas** são perfunctórias e inúteis. **Não há dialécticas** (nem *metafísicas*, nem *fisicalistas*) **nos processos históricos da Humanidade**.

Na crítica à estratégia do referido Grupo, poderíamos evocar, aqui, ainda, em paralelo, o Concílio Vaticano II (1962-65) e o seu projecto de '*aggiornamento*' e renovação na Cristandade, que ele procurou instaurar a

partir da **I.C.R.**. Pretendeu o dito Concílio, inclusivè, restaurar como 1ª realidade substantiva o *sacerdócio univer-sal dos fiéis cristãos*, para poder derivar daí, subsidiariamente, enquanto 2ª realidade adjectiva, o *sacerdócio ordenado* de padres e bispos. Ora, todo esse projecto resultou fracassado. Logo na segunda fase do Concílio, o papa de serviço, Paulo VI, bloqueou (e impediu...) a discussão livre dos padres conciliares sobre os temas mais 'quentes': o celibato eclesiástico, a ordenação de mulheres, a contracepção e o '*birth control*'. Os dois pontificados, que vieram a seguir, o de João Paulo II e o de Bento XVI, acabaram por votar o Concílio ao ostracismo e reinaram, como se ele tivesse sido anulado!...

- Para terminar, só gostaríamos de acrescentar, a este *paper*, a sugestão de três Livros, que consideramos superlativamente importantes e decisivos (no horizonte crítico do CEHC):

Um é de **David Gress: 'From PLATO to NATO'** (*The Idea of the West and its Opponents*), (The Free Press, New York, London, Toronto, Sydney, Singapore, 1998: a 1ª edição desta obra verdadeiramente ímpar, em toda a Civilização/Cultura do Ocidente, havia já sido identificada com a chancela do Autor, em 1953). Este norte-americano, de ascendência dinamarquesa,, desenvolve e aprofunda, aí, duas Teses fundamentais: a) a **Armadilha totalitária do Ocidente**, nos dois horizontes: o político-militar; e o filosófico-ideológico com incidência nas práticas científicas; b) o Ocidente continua a explorar o seu **Erro/categoria estrutural**, nas Instituições contemporâneas da **Tecno-Ciência**, uma vez que nunca substituiu os *Gonzos de Jano*: o **Dualismo metafísico-ontológico** (de Platão, e, também, de Paulo, como nós de-monstrámos).

Os outros dois livros são duas obras, que nós consideramos fundamentais no **CEHC**:

— '**Sócrates e Jesus: Esses Desconhecidos!...**' (*As Duas Revoluções Gé-meas*), de Manuel Reis. A 1ª edição é da Edicon, São Paulo, Brasil, 2001; a 2ª edição é da Editora Estante, Aveiro, Portugal, 2006.

— '**Traição de São Paulo**' (*Despaulinizar o Novo Testamento sob o Signo do Jesuanismo*), de Manuel Reis. A 1ª edição saiu a público na Edicon, São Paulo, Bra-sil, 2007, com o título de capa: '**Despaulinizar o Novo**

Testamento Sob o Signo do Jesuanismo'. A 2ª edição, com o 1º título, foi dada à estampa, pela Editora Ideal e Centro de Estudos do Humanismo Crítico, Guimarães, Portugal, 2007.

Guimarães, 21 de Maio de 2011.

Manuel Reis (Presidente do CEHC).

Lillian Reis (Secretária: digitalização e revisão de provas).

2

BOCAS DE CENA

O NASCIMENTO DE UMA LICENCIATURA

Laborinho Lúcio

INTRODUÇÃO

Tal como em José Régio: «Lá no craveiro que eu tinha / onde uma cepa cansada / mal dava cravos sem vida / nasceu uma acàciazinha...

Também aqui, neste craveiro de cepas cansadas, que parece ser o nosso tempo de hoje, nasceu uma licenciatura, uma «licenciaturazinha» em Teatro e Artes Performativas que, do mesmo modo que a acácia, também vai ser transplantada e crescer!

Ora, isso, ou seja, este tempo, esta circunstância, não pode deixar de contribuir para gravar nela UMA MARCA IDENTIFICADORA peculiar do mesmo passo que exige dela UM COMPROMISSO!

TRÊS TÓPICOS

1º TÓPICO

UMA ÉPOCA PARTICULARMENTE ACELERADA

O que não é de todo novo:

HAMLET lamentava já que o tempo estivesse «DESCONJUNTADO» – «*the time is out of joint...*».

MAS, SOBRETUDO UM TEMPO SEM «ESPAÇO PÚBLICO»

Innerarity:

Vivemos numa sociedade PÓS-HERÓICA:

«A CRISE DA POLÍTICA NÃO É MAIS DO QUE UMA CRISE DA
APOTEOSE MODERNA DAS SEGURANÇAS IDEOLÓGICAS»

ASSISTIMOS AO «DECLÍNIO DA ÉPICA»

HÁ MAIS «ACORDO», isto é, CONSENSO, DO QUE «ALTERNATIVAS»

Para José Gil: «não existe espaço público». Segundo ele, «está por fazer a história do que, nesse plano, se abriu e quase se formou durante os anos 'revolucionários' do pós-25 de Abril, para depois se fechar, desaparecer e ser substituído pelo espaço dos média que, em Portugal, não constitui um espaço público».

U. Ecco

e os «INDIFERENTES»

Vale-nos George Steiner:

«o café como lugar de respiração e sobrevivência, espaço de conspiração ou criatividade, foi sendo o lugar geométrico de todas as descobertas», «enquanto existirem cafetarias, a ideia de Europa terá conteúdo».

LOGO, a importância do D E B A T E
DAQUI

2º TÓPICO

A ORIGEM DO TEATRO

A ANTIGA GRÉCIA

Laurent Bove: na Grécia, nasceram, na mesma época, o pensamento crítico filosófico e a democracia, procurando ambas responder à questão de saber o que é a justiça, ao mesmo tempo que, no mesmo movimento de ideias, os Gregos inventam também o teatro.

O AGON – O CONTRADITÓRIO O DEBATE EM TORNO DE UM CONFLITO

Jean-Pierre Vincent: o teatro grego não assenta na «fala», mas sim no «debate». «No debate entre indivíduos em torno da violência fundamental».

Em apenas 67 anos

SÓFOCLES, ÉSQUILO, EURÍPEDES e ARISTÓFANES

ÉSQUILO – vem dar enquadramento cénico ao processo moderno, fazendo suceder «o discurso mágico-religioso», pelo «debate democrático»;

VEM «PÔR DE ACORDO O MUNDO DIVINO COM A SOCIEDADE DOS HOMENS» – *Prometeu*

ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES

Platão – afirmando a justiça de toda a sociedade contra o teatro, que afasta os cidadãos da Verdade e do Bem;

Aristóteles – atribuindo ao teatro um efeito de catarse e, por isso, uma função verdadeiramente salutar na vida da cidade

COMENTÁRIO

A TRAGÉDIA PARA ARISTÓTELES.

MIMESIS – IMITAÇÃO DA REALIDADE;

CATARSIS – PURIFICAÇÃO DAS PAIXÕES

Platão e a poesia lírica

O TEATRO DRAMÁTICO

CONFLITO – VIOLÊNCIA (TRAGÉDIA) – APAZIAGUAMENTO FINAL (UMA NOVA ORDEM OU A RESTAURAÇÃO DA ORDEM ANTIGA)

HEGEL: «O PÚBLICO TEM O DIREITO DE EXIGIR QUE, DE UMA MANEIRA TRÁGICA OU CÓMICA, A ACÇÃO DRAMÁTICA LEVE À REALIZAÇÃO EM SI DO RACIONAL E DO VERDADEIRO».

3º TÓPICO

DO TEATRO DRAMÁTICO ARISTOTÉLICO AO TEATRO ÉPICO

- a. O questionamento – Distância

b. A fragmentação – O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO» – Philippe Ivernel: A criação se uma «MATERNIDADE SOCIAL», num duplo sentido: – não apenas de sangue, mas de afectos, histórica; – mas também «uma nova sociedade que escapa à natureza, que se faz a si própria».

c. o eterno recomeço

ENTRE UM E OUTRO

O LUGAR HOJE DO CHAMADO «TEATRO CRÍTICO»

Erwin Piscator – o teatro político

B Brecht – o teatro didáctico

Artaud – o teatro da crueldade

Mayakovsky – o teatro comprometido

Ionesco – o anti-teatro

Roland Barthes – O Teatro e a sua função de «COMENTÁRIO DO MUNDO»

Porém, hoje, Jean-Pierre Sarrazac interroga-se sobre «a prática de um teatro crítico poderá, hoje, conservar o seu valor transitivo de transformação? Ou, pelo contrário, estamos na presença de uma ideia obsoleta?

Giorgio Strehler: «o teatro é cada vez mais um instrumento de verdade e de oposição... Um instrumento 'revolucionário', no sentido de que a educação estética e colectiva, através do teatro, tenta recompor a harmonia e a unidade no indivíduo quase impelido para a dissolução e para a irresponsabilidade».

No fundo, é o que diz Bernard Dort: «...jamais pude pensar a cena e o mundo, um sem o outro».

Afinal,

«poderá o mundo de hoje ser reproduzido pelo teatro?

pergunta F. Durenmatt

Respondendo B. Brecht:

«Creio que o mundo de hoje poderá ser reproduzido, mesmo no teatro, mas somente se for concebido como um mundo susceptível de modificação».

Este o contexto!

ESPAÇO VAZIO (BROOK) – URGÊNCIA DE DEBATE – INCERTEZA E INTERROGAÇÃO

– E neste contexto, uma nova licenciatura em Teatro e Artes Performativas, não pode ser apenas mais um curso superior.

Ela constitui um compromisso, como acontecimento cultural, social e político

Terá de ser, usando as palavras de Appia, permanentemente, uma verdadeira «OBRA DE ARTE VIVA»
INTERESSANDO, ASSIM, COMEÇAR POR TENTAR SURPREENDER
ALGUNS POSSÍVEIS ELEMENTOS PROMOTORES DE UMA IDENTIDADE
PRÓPRIA:
(TEMPO – ESPAÇO/LUGAR – SUJEITOS – PEDAGOGIA – PROJECTO)

O T E M P O

O tempo político, económico, social e cultural de novo um tempo de MEDOS e de INSEGURANÇAS diminuidoras:

Já Alçada Baptista, no seu imaginado e saboroso diálogo com Freud, informava que: «*o nosso complexo é o de Egas Moniz: vamos com a família, de corda ao pescoço, pedir perdão aos reis, cada vez que alguém, por aqui, solta um grito de liberdade*»¹.

Neste ambiente voltaram os

D E U S E S

OS NOVOS DEUSES, O MERCADO, O DISCURSO ECONÓMICO –
RELIGIOSO E COM ELES O PENSAMENTO ÚNICO.

Tudo a demandar um novo tempo do TEATRO,

um novo tempo para a FILOSOFIA, A DEMOCRACIA E A JUSTIÇA.

Para a reinstalação de um verdadeiro A G O N capaz de fazer regressar o
DEBATE e, com ele, O PENSAMENTO CRÍTICO

E AQUI RETORNA O TEATRO, NA ACTUALIDADE, AO PENSAMENTO,
AGORA EM TORNO DO TEMA DE «O JOGO DOS POSSÍVEIS».

SARRAZAC, na sua reflexão sobre «Os Possíveis» confessa que

«se ainda for permitido ‘sonhar com o que está para vir’, eu avançaria a hipótese de que o teatro é o lugar da invenção dos possíveis; de que os possíveis representam o horizonte utópico no qual se desenham as dramaturgias dos nossos dias».

E ISTO É ASSIM:

NA FORMA –

já não é «uma cena para a seguinte», mas «cada cena por si»... «E isto para poder, em cada situação, para cada *gestus*, fazer jogar os possíveis»;

COMO NOS HORIZONTES – ONDE SE PROJECTAM OS FUTUROS.

Aí onde se adquire o poder sobre o TEMPO (Innerarity)

ESTA É, POIS, HOJE, TAMBÉM UMA QUESTÃO DO TEATRO

O PAPEL DA LICENCIATURA

¹ Peregrinação Interior, Círculo de Leitores, Lisboa, 1975, pp. 513-514

NA REFLEXÃO SOBRE O TEMPO

P. Ricoeur – Tomar posição

Como Licenciatura situada e crítica – a definição de um TEMPO de cultura

A EDUCAÇÃO E O TEATRO

A captura da Arte e do Teatro pelo discurso educativo da criatividade ao serviço do desenvolvimento

O ESPAÇO (como tema)

UM LUGAR A PREENCHER

A C I D A D E

(RUAS, CASAS, PRAÇAS, GENTE, VIDA, COMUNIDADE)

Mas também

(CULTURA, INSTITUIÇÕES E HISTÓRIA)

COM UM TEMPO, UM ESPAÇO E UMA HISTÓRIA

A LIGAÇÃO TEMPO (HISTÓRIA) E ESPAÇO

O LUGAR PÚBLICO

A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O papel da PERFORMANCE – Entre Marinetti e o Manifesto Futurista e a Pantomima Medieval;

- O Living – Julian Beck e Judith Malina

- O Teatro do Oprimido – Boal

- O Teatro do Invisível – Nórdicos.

MAS TAMBÉM

- O ESPAÇO DE UM TEATRO

UMA CASA

UM LABORATÓRIO

O «TEATRO JORDÃO» - A CASA da LICENCIATURA

(A necessária reivindicação da passagem do Teatro Jordão para a gestão total da UM e da nova licenciatura)

E A ENVOLVENTE EXTERNA:

QUER FÍSICA,

QUER AINDA:

. MEDIADORES CULTURAIS;

. CURSOS BREVES, ABERTOS E TEMÁTICOS;

. TERTÚLIAS NA CIDADE;

. A INFÂNCIA E A VELHICE

. AS PARCERIAS

- INTERNACIONAIS

EXS: BERLINER ENSEMBLE, PICCOLO TEATRO

- NACIONAIS

EXS:

TEATRO AMADOR

(A preparação de colocação profissional pós licenciatura)

(Apoio à constituição de grupos cénicos)

- MISTAS

EXS:

COMPANHIAS DE RESIDÊNCIA TEMPORÁRIA

OS SUJEITOS

GROTOWSKY: «TEATRO – AQUILO QUE TEM LUGAR ENTRE ESPECTADOR E ACTOR»

O PÚBLICO (como tema essencial, académico)

P. Brook defende ser esta a hoje a questão mais «importante e difícil de enfrentar.

O QUE ESPERA O PÚBLICO?

O QUE ESPERA O TEATRO, DO PÚBLICO?

T= R r a

Peter Handke – Insulto ao Público

O TEATRO E O PODER SOBRE O PÚBLICO (Apresentação e Representação)

- O PÚBLICO PARTICIPANTE:

A - ACTOR –

Serge Collet – de espectador a espectador;

Bernard Dort – no foyer.

(O FALHANÇO, MAS TAMBÉM O MEU CASO, O PROCESSO DE JESUS – DIEGO FABRI)

B - CRÍTICO –

BRECHT – O EFEITO DE ESTRANHAMENTO

(Narrador, coro, contrários)

A DIFERENÇA ENTRE TEATRO E «TEATRALIDADE»

A QUESTÃO DO CONHECIMENTO

CONHECIMENTO E SENTIMENTO

ANTÓNIO DAMÁSIO: «Conhecer um sentimento, requer um sujeito conhecedor».

LOGO:

- A FORMAÇÃO DE PÚBLICOS

.WORKSHOPS

.DEBATES

.VISIONAMENTOS CRÍTICOS

.A EDUCAÇÃO

.INQUÉRITOS

- U. ECCO - O CONHECIMENTO DA ARTE:
INTELIGÊNCIA, MORALIDADE E SENTIMENTALIDADE
RAZÃO E EMOÇÃO – DANIEL BARENBOIM
- CONCLUSÃO

P. BROOK – «o espaço vazio» – p. 193

OS ALUNOS

QUEM ENTRA E QUEM SAI

A BANDA LARGA
(GENTE DE TEATRO)

- A PEDAGOGIA

OBJECTIVOS:

FAZER O TEATRO;

CONHECER O TEATRO;

PENSAR O TEATRO.

FAZER O TEATRO – A APREENSÃO E O TREINO DAS COMPETÊNCIAS;

CONHECER O TEATRO – O TEATRO, A SUA ESSÊNCIA, A SUA
HISTÓRIA: A RELAÇÃO DO TEATRO COM A HISTÓRIA

W. BENJAMIN: «PARA QUE A TOTALIDADE DO PASSADO SEJA
INTRODUZIDA NO PRESENTE».

EXS: ANTÍGONA;

SHAKESPEARE – O TEATRO FAZEDOR DE DEMOCRACIA

PENSAR O TEATRO

A RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E ENCENAÇÃO = ACTOR –
ENCENADOR – ACTOR

O QUE É A ARTE DO TEATRO

- . STALISLAWSKY – 1865/1938;
- . G. CRAIG – 1872/1966;
- . MEYERHOLD – 1874/1940;
- . GROTOWSKY – 1933/1999;
- . OS CONTEMPORÂNEOS

O SUPORTE TEÓRICO DA CRIATIVIDADE = IMPROVISAÇÃO
GROTOWSKY: «A ENCENAÇÃO NÃO É UM PRODUTO DO
CONHECIMENTO, ANTES CONDUZ AO CONHECIMENTO».

SERÁ?

CONCLUSÃO

UMA COMPANHIA PRÓPRIA RESIDENTE
OS PARTICIPANTES
PROFESSORES – PROFISSIONAIS DE CENA - PARCEIROS – ALUNOS –
OUTROS (MÚSICA, PINTURA, ESCULTURA, DANÇA, DESIGN, SOM, LUZ,
INFORMÁTICA, ETC..)

O REGRESSO DO TEATRO UNIVERSITÁRIO

COM UM PROJECTO

Retomando a distinção de P. Brook, entre «TEATRO MORTO» e «TEATRO
VIVO»

O primeiro

«o que rende culto à chatice» - o teatro do aborrecimento total;

O segundo

«o que está por inventar».

ESTE, O DESAFIO PARA A LICENCIATURA:

INVENTAR O TEATRO VIVO!

3

TEATRO

Estética Da Alma Viva

O filósofo **Manuel Reis**, após assistir a uma palestra do professor **Laborinho Lúcio** subordinada ao tema **Bocas de Cena: O Nascimento De Uma Licenciatura**, escreveu uma breve (mas profunda) apreciação. O texto foi enviado para leitura aos grupos de intelectuais e artistas que colaboram com o segmento do *Centro de Estudos do Humanismo Crítico* [CEHC] na América Latina. Entre encontros pessoais, telefonemas e ‘cartas digitais’, vulgo ‘email’, foi decidido publicar como anexo a *TEATRO – ARMA PACÍFICA DA REVOLUÇÃO SOCIAL*, um resumo das conversas...

“[...] Mesmo tendo iniciado como apologia à divinização, e até como altar para o sacrifício humano, o Teatro (do grego θέατρον / Théatron) logo passou a ousar demonstrar as emoções da Humanidade no seu próprio Espaço-Tempo, e aí a Humanidade passou a ser ela-mesma sob o aspecto artístico tendo a crítica como arma para a desconstrução do discurso hipócrita [...], e por isso, o Teatro reinventa-se [par]a cada nova geração”, diz o poeta **J. C. Macedo**, que puxa a palavra da jornalista **Marta Novaes**: “O poeta tem razão, mas creio que podemos também dizer que o Teatro é um exercício estético de todas as pessoas a cada dia, então, ele é encenação e é (lembro aqui um conceito gil-vicentino tratado por **João Barcellos**, no seu livro “teatro”), ao mesmo tempo, arma de progresso lingüístico e social, porque desconstrói a mentira e sustenta a revolução crítica que constrói, o que também nos leva ao afazer cervantiano”.

O professor **Carlos Firmino**, habituado à linguagem teatral, corrobora as palavras da professora **Carlota M. Moreyra** quanto ao “mundo mágico que é o espetáculo da mimesis e da profundidade do Agon nas confrontações sociopolíticas que transformam as comunidades”, e vai mais longe: “Na palestra *Bocas de Cena: O Nascimento De Uma Licenciatura*, o professor **Laborinho Lúcio** mostra-nos a demanda humana por si-mesma e a utilizar o Teatro como ponte para ‘a invenção do teatro vivo’, e o filósofo **Manuel Reis** trata o dado com a profundidade do Agon, e diz-nos que é precisa uma ‘acção transformadora (através de reformas ou de revoluções), tanto na vertente das *mentalidades* e das *doutrinas*, como na vertente das *práticas*

societárias e da própria *organização* das Sociedades humanas”, situando aqui a plataforma sociopedagógica para uma licenciatura adequada ao Teatro proposto pelo notável conferencista na **Universidade do Minho**, em Braga (Portugal). O poeta **J. C. Macedo**, que vivenciou durante anos a produção teatral, amadora e profissional, na região minho-galaico, e até em jornadas com o próprio **Manuel Reis**, assinala que “uma licenciatura em Teatro é fazer o que **Gil Vicente** fez para o universo das línguas portuguesa e castelhana: dar vida estética à alma de cada Pessoa que se constitui, afinal, num elo da Nação que, lembremos o professor **Hélio Alves**, é sempre uma Narração social e política. Logo, o conceito de ‘teatro vivo’ sustentado por **Laborinho Lúcio** não é somente a palavra do mestre, é sobretudo a Vida que se entrega às Vivências para um Agon de profundidades culturais em cada Comunidade que se afirma como tal”.

E aqui está a importância do texto de **Manuel Reis** que carrega a lúdica observação pedagógica de **Laborinho Lúcio**, porque, como diz o fotógrafo **Mário G. de Castro**, “[...] a existência humana explica-se na onírica divinização dramática desde a antiguidade do arco e flecha aos nossos dias de bombas com ogivas nucleares. Esta encenação do ‘cara’ que está, mas raramente é, empurra-nos para a vertente socrática dos diálogos que promovem a verdade por uma pedagogia plena e viva em cada local onde se manifeste a vontade humana de liberdade. O que foi dito na **Universidade do Minho**, e reescrito pelo fundador do **CEHC**, é o que sublinhamos agora: **para cada geração existe uma demanda pela Estética da Verdade, e uma licenciatura em Teatro deve ser uma boca de cena alimentada pelos bastidores pedagógicos da Liberdade**, e então, **o Teatro tem que ser parte da Alma que vive e dá Vida**”.

“No seu livro ‘teatro’, o jornalista **João Barcellos** mostra através de peças curtas como a historiografia se faz importante para se entender o hoje pelo ontem; e, na verdade, a posição de **Laborinho Lúcio** é festejada por **Manuel Reis** porque percebe uma retomada da Universidade livre e progressista. Explico: uma Universidade que abre diálogos para uma licenciatura em Teatro é uma ‘casa’ aberta ao Mundo e para os jogos que a Pessoa liberta processa no seu dia a dia, porque vivencia o humanismo crítico que constrói. Ora, a Universidade transforma a Sociedade quando interage com ela culturalmente em todos os ambientes profissionais, e o Teatro vivo e autêntico é uma das pontes dessa transformação”, observa a professora **Maria C. Arruda**.

Participantes do Painel

Carlos Firmino, Maria C. Arruda, João Barcellos,
Mário Gonçalves de Castro, Carlota Moreyra,
J. C. Macedo e Marta Novaes.

CEHC/AL, Junho de 2011.
[www.noetica.com.br]